

EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA INFÂNCIA: Análise das estratégias pedagógicas e da sinergia entre família e escola

Letícia Lourrana Marques Bastos¹, Fernanda Paes Arantes²

¹Universidade Federal do Maranhão, São Luís, Brasil
(leticia.lourrana@discente.ufma.br)

²Universidade Federal do Maranhão, São Luís, Brasil

Resumo: Este estudo analisa estratégias pedagógicas para a educação financeira na infância, enfatizando a integração entre família e escola. Realizou-se revisão sistemática qualitativa nas bases Scopus e Web of Science. Os resultados indicam que a aprendizagem experiencial, aliada à socialização financeira parental e à instrução escolar, favorece o desenvolvimento de hábitos, atitudes e conhecimentos financeiros desde cedo.

Palavras-chave: educação financeira; estratégias pedagógicas; família; escola; criança.

INTRODUÇÃO

A educação financeira tem se consolidado como um tema de crescente relevância no cenário global, sendo fundamental para a formação de indivíduos capazes de tomar decisões conscientes e responsáveis em um ambiente econômico cada vez mais complexo (Amagir *et al.*, 2018). A capacidade de gerenciar o próprio dinheiro, planejar o futuro e compreender os mecanismos financeiros deixou de ser uma habilidade secundária e se tornou uma necessidade imperativa para o bem-estar e a qualidade de vida (Drever *et al.*, 2015).

Nesse contexto, emerge a discussão sobre a importância de iniciar o estímulo a esses conhecimentos desde a infância. A literatura é unânime em reconhecer que a família e a escola são os agentes primordiais e complementares neste processo de socialização financeira (Kim; Gutter; Spangler, 2017; LeBaron *et al.*, 2018). A família, como primeiro ambiente social, estabelece os valores e modela os comportamentos financeiros, enquanto a escola oferece a estrutura formal e o aprofundamento conceitual, especialmente com a inclusão da educação financeira na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no Brasil. A sinergia entre essas duas instituições é crucial para potencializar a eficácia do aprendizado (Compen; Schelfhout, 2021; Willemse; Thompson; Vanderlinde, 2018).

A ausência de uma educação financeira adequada pode levar a decisões equivocadas, endividamento excessivo e um comprometimento significativo do bem-estar financeiro na vida adulta (LeBaron *et al.*, 2018). Por outro lado, estudos demonstram que a educação financeira recebida na infância e adolescência tem um impacto duradouro no comportamento financeiro na idade adulta. Crianças

que recebem mesada regularmente, por exemplo, tendem a desenvolver maior confiança financeira e habilidades de planejamento (Fornero; Rossi; Sansone, 2016). Da mesma forma, a socialização financeira parental, que envolve a comunicação aberta sobre dinheiro, a atribuição de responsabilidades e a modelagem de comportamentos financeiros saudáveis, está associada a menor endividamento, maior poupança e melhores pontuações de crédito na vida adulta (LeBaron *et al.*, 2018). A interação entre pais e filhos é crucial, e estilos parentais que oferecem regras e orientação podem promover um maior controle de impulsos nas crianças, uma habilidade fundamental para o bem-estar financeiro (Drever *et al.*, 2015).

Além do ambiente familiar, a escola desempenha um papel complementar e fundamental. Programas de educação financeira baseados na escola podem melhorar o conhecimento e as atitudes financeiras de crianças e adolescentes, e a aprendizagem experiencial tem se mostrado um método promissor para o ensino desses conceitos (Amagir *et al.*, 2018). Com a parceria entre família e escola, cria-se um ambiente propício para uma educação financeira integrada, onde as crianças possam desenvolver competências e valores que sustentem uma relação responsável e consciente com o dinheiro.

Contudo, apesar do reconhecimento e dos avanços na implementação da educação financeira, ainda existem lacunas na compreensão de quais estratégias pedagógicas são mais eficazes e como a colaboração entre família e escola pode ser otimizada para ajudar nesse entrave. Isto posto, este estudo se justifica pela necessidade de ampliar a compreensão acerca dessas estratégias oferecendo bases teóricas e práticas que auxiliem pais e educadores. Com isso, busca-se

colaborar para a formação de uma geração mais consciente e apta a enfrentar os desafios econômicos, contribuindo para um futuro financeiramente mais estável e promissor da sociedade.

Diante desse cenário, o presente trabalho busca responder à seguinte questão: Quais estratégias pedagógicas podem ser utilizadas por família e escola para ensinar educação financeira às crianças, visando o desenvolvimento de bons hábitos, atitudes e conhecimentos sobre o uso do dinheiro desde cedo?

MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho foi desenvolvido com base em uma revisão sistemática da literatura (RSL), que buscou identificar e analisar as estratégias pedagógicas empregadas por família e escola no ensino de educação financeira para crianças. A pesquisa bibliográfica é um método fundamental para a construção do conhecimento científico, permitindo a coleta, análise e interpretação de informações já publicadas sobre um determinado tema (Gil, 2019).

A estratégia de busca foi delineada para abranger as principais bases de dados científicas reconhecidas na área. Foram utilizadas as bases de dados Scopus e Web of Science, conhecidas por sua abrangência e rigor na indexação de periódicos científicos. As palavras-chave empregadas na busca foram: "financial education" OR "financial literacy" AND "child*" OR "high school".

Inicialmente foram identificados 691 títulos, sendo 189 duplicados. Após a remoção das duplicatas, restaram 502 títulos para análise. Os artigos restantes foram submetidos a uma triagem inicial por título e resumo. Nesta fase, foram descartados textos que se mostraram desalinhados com o escopo da pesquisa, ou seja, não abordavam diretamente as estratégias pedagógicas para crianças ou a interação entre família e escola na educação financeira. Esta etapa de busca resultou na identificação de 25 artigos que foram considerados adequados e utilizados como embasamento principal para a pesquisa qualitativa.

Adicionalmente, para aprofundar o referencial teórico e incorporar perspectivas críticas e pedagógicas mais recentes, foi realizada uma busca complementar em bases nacionais. Essa busca resultou na inclusão de 12 fontes adicionais, totalizando 37 documentos que serviram como alicerce para a construção do trabalho.

A Figura 1 apresenta o diagrama de fluxo que ilustra visualmente todo o percurso metodológico, desde a busca sistemática inicial nas bases de dados internacionais até a inclusão das fontes complementares, oferecendo uma visão clara e transparente.

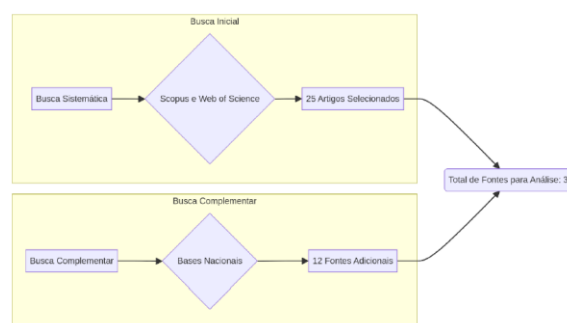


Figura 1. Diagrama de Fluxo do Processo de Seleção de Artigos

REFERENCIAL TEÓRICO

Educação financeira e bem-estar

A educação financeira é um campo multidisciplinar que visa capacitar indivíduos a tomar decisões informadas e eficazes sobre seus recursos financeiros. No entanto, a avaliação da forma como as pessoas se relaciona com o dinheiro pode ser definida por um conceito mais amplo, que a literatura define como alfabetização financeira (Sampaio *et al.*, 2025). Alguns autores adotam também os termos letramento financeiro ou literacia financeira para se referir a esse mesmo conceito.

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) define alfabetização financeira como o conhecimento e a compreensão de conceitos e riscos financeiros, bem como as habilidades, motivação e confiança para aplicar esse conhecimento na tomada de decisões eficazes, melhorando o bem-estar financeiro e a participação na vida econômica (Amagir *et al.*, 2018). Essa definição abrange não apenas o conhecimento técnico, mas também as habilidades comportamentais necessárias para uma gestão financeira saudável.

Amagir *et al.* (2018) destacam que a alfabetização financeira é composta por três dimensões principais: conhecimento e compreensão, habilidades e comportamento, e atitudes e confiança. O conhecimento e compreensão referem-se à capacidade de entender termos e conceitos financeiros básicos, como poupança, investimento, crédito e orçamento. As habilidades e comportamento envolvem a aplicação prática desse conhecimento, como a elaboração de um orçamento, o acompanhamento de gastos e a tomada de decisões de investimento. Ademais, as atitudes e confiança refletem a disposição do indivíduo em lidar com questões financeiras e a crença em sua própria capacidade de gerenciar o dinheiro de forma eficaz. O conhecimento financeiro tem impacto direto e significativo no comportamento e atitude financeira (Pinheiro; Arantes; Lima, 2025). No entanto, essas três dimensões devem ser desenvolvidas em conjunto para que o conhecimento



se reflita nas atitudes e comportamentos dos indivíduos (Sampaio *et al.*, 2025).

O bem-estar financeiro, por sua vez, é um conceito mais amplo que transcende a mera alfabetização financeira. Drever *et al.* (2015) o descrevem como ter controle sobre as finanças diárias e mensais, possuir a capacidade de absorver choques financeiros inesperados, estar no caminho certo para atingir metas financeiras e ter liberdade financeira para fazer escolhas que permitam desfrutar da vida. Para alcançar esse estado, é fundamental que os indivíduos desenvolvam uma série de comportamentos, como gerenciar recursos de forma eficaz, planejar antecipadamente e tomar decisões financeiras informadas.

A socialização financeira parental, que inclui discussões abertas sobre dinheiro, é um preditor significativo de um melhor bem-estar financeiro em jovens adultos. Além disso, a ausência de educação financeira adequada pode levar a um maior estresse financeiro, afetando o bem-estar subjetivo das crianças e adolescentes (Lindberg, 2021). Portanto, a educação financeira precoce atua como uma ferramenta preventiva, mitigando o risco de estresse financeiro e promovendo um desenvolvimento mais equilibrado.

A escassez e a necessidade de fazer escolhas

Um conceito fundamental que permeia toda a educação financeira é o da escassez. Em economia, a escassez refere-se à condição universal de que os recursos são limitados, enquanto as necessidades e desejos humanos são ilimitados. Essa condição não se aplica apenas a recursos tangíveis como dinheiro ou matérias-primas, mas também a recursos intangíveis como o tempo. A escassez é o que torna a economia relevante, pois estuda como indivíduos, famílias e nações lidam com essa limitação fundamental para seu benefício. Essa tensão inerente entre desejos infinitos e meios finitos força todos os agentes econômicos a fazerem escolhas (ECONLIB, 2024).

Ensinar as crianças sobre a escassez desde cedo é crucial para que compreendam por que não podem ter tudo o que desejam e porque o planejamento e a gestão do dinheiro são necessários. A compreensão da escassez leva diretamente ao conceito de custo de oportunidade. Como definido por Buchanan (2018), o custo de oportunidade é o valor da alternativa que é sacrificada quando uma decisão é tomada. Em termos simples, é o benefício que se deixa de obter da segunda melhor opção. Por exemplo, ao decidir comprar um brinquedo, a criança está abrindo mão da oportunidade de usar esse mesmo dinheiro para comprar um livro ou guardá-lo para um objetivo futuro. A educação financeira, portanto, deve capacitar as crianças a ponderar esses trade-offs e a tomar decisões que maximizem seu bem-estar a longo prazo,

reconhecendo que cada escolha tem um custo invisível associado.

Um estudo desenvolvido na década de 1960 pelo psicólogo Walter Mischel, conhecido como teste do marshmallow, demonstrou que pessoas que aprendem desde cedo a controlar impulsos e fazer escolhas financeiras conscientes tendem a apresentar resultados melhores na vida adulta em diferentes aspectos (Chaves; Pereira; Conejo, 2021). Por isso, é essencial ensinar às crianças sobre educação financeira desde cedo, para que possam tomar decisões mais conscientes e responsáveis ao longo da vida.

A psicologia da escassez, popularizada por Mullainathan e Shafir (2013), revela que a percepção de ter muito pouco de algo (seja dinheiro ou tempo) pode ter consequências cognitivas significativas. A escassez captura a atenção, criando uma mentalidade que pode levar a um foco excessivo no problema imediato (tunelamento) e a uma redução da "largura de banda" cognitiva para outras tarefas importantes (Goldsmith; Griskevicius; Hamilton, 2020).

No entanto, pesquisas mais recentes desafiam a visão de que a escassez leva inevitavelmente a decisões ruins ou impulsivas. Sharma, Tully e Wang (2023) argumentam que as pessoas em situação de escassez tomam decisões razoáveis com base em suas circunstâncias, priorizando ganhos de curto prazo apenas quando suas necessidades mais imediatas estão ameaçadas. Isso sugere que as escolhas feitas sob escassez são, muitas vezes, uma resposta racional ao ambiente e não um sinal de impaciência ou falta de visão de futuro.

Planejamento financeiro e controle de gastos

O planejamento financeiro é a habilidade de definir metas e criar um caminho para alcançá-las. Na infância, isso se traduz em aprender a alocar recursos limitados (mesada) para diferentes fins (gastar, poupar, doar). Kamber *et al.* (2024) observam que as crianças começam a poupar dinheiro e itens a partir dos 3 anos de idade e essa capacidade está relacionada a habilidades cognitivas e fatores sociais.

O controle de gastos, por sua vez, é a manifestação prática do planejamento, ensinando a criança a registrar e monitorar suas despesas. Te'eni-Harari (2016) destaca que o envolvimento da criança em atividades de poupança desde cedo está diretamente ligado à sua alfabetização financeira. Boto-García *et al.* (2022) reforçam que a socialização financeira e o autocontrole são positivamente associados à probabilidade de poupar dinheiro regularmente.

Para crianças, o planejamento pode ser ensinado através de estratégias como o orçamento por categorias (o pote de "gastar", o pote de "poupar" e o pote de "doar"), o que simula o conceito de *mental budgeting* (orçamento mensal) (Bai, 2023). Kamber



(2024) detalha que estratégias como o aumento da distância psicológica (fazer a criança esperar para comprar) e a simulação de escolhas são eficazes para melhorar a capacidade de poupança em pré-escolares, desenvolvendo a disciplina e a capacidade de adiar a gratificação. Brown (2013) aponta que a educação financeira pode ajudar os jovens a equilibrar melhor seus orçamentos, o que, por sua vez, leva a um menor endividamento.

Endividamento e a importância da reserva de emergência

O endividamento problemático na vida adulta está frequentemente ligado a decisões financeiras inadequadas tomadas na juventude (Ammerman, 2019). A educação financeira precoce atua como uma medida preventiva, ensinando a criança a distinguir entre "querer" e "precisar" e a entender o conceito de dívida. French *et al.* (2016) destacam a importância das habilidades de gestão de dinheiro (*money management skills*) na determinação da dívida do consumidor e do patrimônio líquido familiar.

A reserva de emergência é um conceito fundamental de segurança financeira. Embora abstrato para uma criança, pode ser ensinado através da criação de um "pote de imprevistos" ou "fundo de segurança" com a mesada. Este ensinamento prático introduz a ideia de que o dinheiro deve ser reservado para lidar com situações inesperadas, mitigando a necessidade de recorrer a dívidas em momentos de crise (Santos, 2023).

A ausência de uma reserva de emergência é um dos principais fatores que levam as famílias a recorrerem a dívidas de alto custo em caso de choques financeiros, como perda de emprego ou despesas médicas inesperadas (Despard, 2020). Nguyen (2023) demonstra que indivíduos com melhor comportamento financeiro são mais propensos a ter fundos de emergência adequados para cobrir pelo menos três meses de despesas. Na infância, a prática de separar uma parte da mesada para um "fundo de segurança" ensina o valor da resiliência financeira e a importância de se proteger contra a instabilidade. Urban (2020) fornece evidências de que a educação financeira obrigatória no ensino médio está associada a menos inadimplência e a pontuações de crédito mais altas entre os jovens adultos, comprovando o efeito protetor da educação contra o endividamento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da literatura demonstrou que a educação financeira deve ser abordada de forma progressiva, respeitando as fases do desenvolvimento cognitivo e emocional da criança, o que se alinha com o objetivo de identificar os principais conceitos de educação financeira adequados para cada fase do desenvolvimento infantil.

Nos anos pré-escolares (3-5 anos), o foco principal deve ser no desenvolvimento da função executiva. Drever *et al.* (2015) explicam que a função executiva engloba habilidades cognitivas como o controle de impulsos, a capacidade de adiar a gratificação, a perseverança e a habilidade de manter o foco em metas de longo prazo. Essas habilidades são fundamentais para tarefas financeiras futuras, como estabelecer metas de poupança e aderir a um orçamento. A pesquisa indica que a função executiva se desenvolve rapidamente nessa faixa etária, e intervenções que combinam o treinamento da função executiva com habilidades financeiras básicas são consideradas ideais para construir uma base sólida para o bem-estar financeiro.

Durante o ensino fundamental e médio (6-12 anos), a socialização financeira parental assume um papel central. A socialização financeira refere-se à aquisição e desenvolvimento de valores, atitudes, padrões, normas, conhecimentos e comportamentos que moldam as práticas financeiras de um indivíduo (Drever *et al.* 2015). Os pais e outros cuidadores primários são os principais agentes de socialização financeira para crianças nessa idade (Kim; Gutter; Spangler, 2017).

A família é o grupo mais influente no desenvolvimento de comportamentos financeiros individuais (LeBaron *et al.*, 2018; Kim; Gutter; Spangler, 2017). A socialização financeira ocorre tanto por canais implícitos, como a observação do comportamento financeiro dos pais, quanto por canais explícitos, como a instrução direta sobre dinheiro (Drever *et al.*, 2015). A modelagem de comportamento, o estabelecimento de regras e a comunicação aberta sobre finanças são meios eficazes de influência parental. Estudos mostram que a prudência financeira dos pais está diretamente ligada a menos comportamentos financeiros negativos na idade adulta dos filhos (LeBaron *et al.*, 2018).

Fornero, Rossi e Sansone (2016) e LeBaron *et al.* (2018) destacam a importância da aprendizagem experiencial nesse período, como o recebimento de mesada. A mesada, quando bem gerenciada, atua como um veículo educacional informal que ajuda as crianças a adquirir conceitos financeiros básicos e a formar bons hábitos, como o planejamento. O ensino parental direto sobre orçamento na adolescência também demonstra ter um impacto substancial no comportamento financeiro subsequente na idade adulta (Fornero; Rossi; Sansone, 2016).

Na adolescência e início da vida adulta (13-21 anos), o foco se desloca para o desenvolvimento de habilidades financeiras específicas. Embora a socialização financeira continue, este período é propício para aprofundar conhecimentos sobre planejamento, orçamento, poupança, investimento e

crédito (Drever *et al.*, 2015). Programas de educação financeira nessa fase podem abordar temas mais complexos e preparar os jovens para decisões financeiras que enfrentarão em breve, como o uso de cartões de crédito e a gestão de dívidas (Amagir *et al.*, 2018). Nesse contexto, a pesquisa com a Geração Z na Itália demonstrou que a educação financeira tem um efeito causal significativo na melhoria da qualidade da tomada de decisão e na consistência das escolhas intertemporais dos jovens, reforçando a importância de intervenções formais (Sconti; Caserta; Ferrante, 2024).

Para sintetizar as estratégias pedagógicas mais adequadas, os conceitos financeiros e os focos de desenvolvimento correspondentes a cada faixa etária, apresenta-se a Figura 2, que abrange as fases de 3 a 5 anos, 6 a 12 anos e 13 a 21 anos, ilustrando de forma concisa a progressão temática e metodológica a ser adotada pela família e pela escola.



Figura 2. Esquema das Fases do Desenvolvimento Financeiro.

A família é reconhecida como o ambiente primordial para a socialização financeira das crianças, exercendo uma influência profunda e duradoura em seus hábitos, atitudes e conhecimentos sobre dinheiro (Kim; Gutter; Spangler, 2017). A interação familiar molda a percepção das crianças sobre o valor do dinheiro, a importância da poupança e as consequências do endividamento (LeBaron *et al.*, 2018).

A comunicação aberta sobre finanças é um dos pilares da educação financeira familiar eficaz. LeBaron *et al.* (2018) identificaram a comunicação sobre finanças familiares como um dos quatro temas centrais que estudantes universitários pretendem usar para ensinar seus futuros filhos sobre dinheiro. O diálogo permite que as crianças compreendam a origem do dinheiro, a necessidade de fazer escolhas e as implicações de suas decisões de consumo.

Oferecer oportunidades para que as crianças assumam responsabilidades financeiras é uma estratégia pedagógica eficaz. A mesada, por exemplo, é um instrumento valioso que permite às crianças praticar o gerenciamento de seus próprios recursos, aprender a poupar e a gastar de forma consciente. Fornero, Rossi e Sansone (2016) demonstraram que o recebimento

regular de mesada na infância tem um impacto positivo e duradouro na confiança financeira na idade adulta. Além da mesada, outras experiências como ter uma conta bancária ou participar de decisões de compra familiar contribuem para a socialização financeira (LeBaron *et al.*, 2018).

A inclusão da educação financeira na BNCC reforça o compromisso do sistema educacional brasileiro com a formação integral do aluno. A escola, como instituição formal de ensino, complementa o papel da família na educação financeira, oferecendo um ambiente estruturado para a aquisição de conhecimentos e habilidades. A educação financeira na escola, quando abordada como prática de autonomia individual, pode ser uma ferramenta libertadora, ajudando os estudantes a desenvolverem um senso crítico em relação às suas finanças e a compreenderem melhor os conceitos financeiros (Nemos; Duro; Fogliarini Filha, 2021).

Programas de educação financeira baseados na escola têm demonstrado ser eficazes na melhoria do conhecimento e das atitudes financeiras de crianças e adolescentes. Amagir *et al.* (2018) revisaram diversos estudos e concluíram que esses programas podem impactar positivamente a intenção de praticar bons comportamentos financeiros. A eficácia desses programas pode variar dependendo da faixa etária e do foco do conteúdo:

- **Ensino Fundamental:** Foco em planejamento, orçamento, poupança, gastos e conceitos básicos de crédito
- **Ensino Médio:** Aprofundamento em gastos, crédito, poupança, investimento e conceitos de orçamento mais complexos. Bruhn *et al.* (2022) mostraram que programas de educação financeira no ensino médio no Brasil tiveram efeitos de longo prazo, como menor probabilidade de usar crédito caro e de ter empréstimos com pagamentos atrasados, além de maior propensão a possuir microempresas.
- **Ensino Superior:** Foco em eventos específicos da vida dos alunos, como gestão de orçamento, uso de cartão de crédito e decisões de gastos compulsivos.

Ademais, a aprendizagem experiencial é um método pedagógico promissor para o ensino de educação financeira em ambientes escolares. Essa abordagem permite que os alunos aprendam fazendo, simulando situações financeiras reais e experimentando as consequências de suas decisões. Exemplos incluem jogos de simulação, projetos práticos e atividades que envolvem o gerenciamento de recursos fictícios ou reais (Amagir *et al.*, 2018).

A inserção da educação financeira na BNCC é um marco importante, mas também levanta a necessidade de uma análise crítica. Cunha (2020) argumenta que a chegada do mercado financeiro à sala de aula exige



uma reflexão sobre os objetivos pedagógicos e o projeto de sociedade que está sendo veiculado. Nesse sentido, a abordagem pedagógica deve ir além da matemática financeira tradicional. A proposta curricular brasileira sugere a articulação da educação financeira com a resolução de problemas, o que permite ao estudante refletir sobre sua realidade socioeconômica e desenvolver criticidade, evitando a confusão entre a matemática financeira e a educação financeira propriamente dita (Giordano *et al.*, 2023). Além disso, a educação financeira na escola deve ser vista como uma prática de autonomia financeira individual, ajudando os estudantes a desenvolverem um senso crítico em relação às suas finanças (Nemos; Duro; Fogliarini Filha, 2021).

Vale ressaltar que a ineficácia de programas focados apenas no conhecimento levou à conclusão de que a educação financeira deve ser vista como um processo de mudança comportamental, e não apenas de transmissão de informação (Kaiser, 2020). Grohmann, Menkhoff e Schröder (2015) reforçam essa perspectiva ao demonstrar que as raízes da literacia financeira se encontram na infância, com a família e a escola atuando como mediadores cruciais que afetam positivamente a literacia financeira dos adultos.

Para que a educação financeira seja efetiva no ambiente escolar, a literacia financeira dos professores é crucial. O conhecimento, as atitudes e o comportamento financeiro dos professores afetam a consciência financeira dos alunos que eles ensinam. Treinamentos específicos podem ter um efeito positivo mensurável no nível de conhecimento dos participantes (Németh *et al.*, 2022). A formação continuada e o desenvolvimento profissional do professor são, portanto, fatores chave para a eficácia da educação financeira (Compen; De Witte; Schelfhout, 2019).

Nesse contexto, a literatura recente enfatiza que a colaboração entre família e escola não é apenas desejável, mas sim um fator de sucesso. A parceria deve ir além da comunicação, envolvendo o desenvolvimento de currículos colaborativos para garantir uma abordagem mais compartilhada e eficaz (Compen; Schelfhout, 2021; Willemse; Thompson; Vanderlinde, 2018).

A implementação eficaz de programas de educação financeira, tanto no ambiente familiar quanto no escolar, enfrenta diversos desafios, mas também apresenta oportunidades significativas para o desenvolvimento de indivíduos financeiramente competentes. Um dos principais desafios reside na complexidade dos conceitos financeiros e na necessidade de adaptá-los às diferentes fases do desenvolvimento infantil. O que é apropriado para uma criança de 5 anos difere substancialmente do que é relevante para um adolescente (Drever *et al.*, 2015).

Além disso, a falta de preparo de pais e educadores para abordar o tema pode ser um obstáculo. Muitos adultos não se sentem confiantes em suas próprias habilidades financeiras, o que dificulta a transmissão desses conhecimentos (LeBaron *et al.*, 2018).

A resistência cultural em discutir dinheiro abertamente, especialmente no Brasil, onde o dinheiro é frequentemente considerado um tabu, também representa um desafio (Leite, 2024). Essa relutância pode limitar o diálogo familiar e a aprendizagem experiencial. A lacuna de gênero na alfabetização financeira, onde mulheres geralmente apresentam níveis mais baixos de conhecimento financeiro, é outro ponto de atenção, que pode ser perpetuado se não houver intervenções específicas (Kim; Gutter; Spangler, 2017).

No contexto escolar, a integração da educação financeira no currículo pode ser desafiadora devido à sobrecarga de conteúdo e à necessidade de formação adequada para os professores (Németh *et al.*, 2022). Além disso, a sustentabilidade dos efeitos dos programas de educação financeira ao longo do tempo é uma preocupação, pois estudos sugerem que os efeitos podem diminuir com o tempo se não houver reforço contínuo (Bruhn, *et al.*, 2022).

Apesar dos desafios, existem inúmeras oportunidades para fortalecer a educação financeira. A inclusão da educação financeira na BNCC no Brasil representa uma oportunidade institucional para padronizar e universalizar o acesso a esses conhecimentos. A tecnologia oferece ferramentas inovadoras, como plataformas e aplicativos gamificados, que podem tornar o aprendizado mais engajante e acessível para crianças e adolescentes (Leite, 2024).

A colaboração entre família e escola é uma oportunidade crucial. Quando ambos os ambientes trabalham em conjunto, os conceitos e hábitos financeiros são reforçados, criando um ecossistema de aprendizagem mais robusto. A aprendizagem experiencial, tanto em casa (mesada, responsabilidades) quanto na escola (simulações, projetos), oferece um caminho eficaz para o desenvolvimento de habilidades práticas e atitudes positivas em relação ao dinheiro (Drever *et al.*, 2015).

Além disso, a educação financeira pode ser vista como um investimento em capital humano, preparando as crianças para serem economicamente úteis no futuro, capazes de empreender e de tomar decisões que contribuam para seu bem-estar e para o desenvolvimento econômico da sociedade (Leite, 2024). Quando abordada como prática de autonomia financeira individual, ajuda os estudantes a desenvolverem um senso crítico em relação às suas finanças (Nemos; Duro; Fogliarini Filha, 2021). A educação financeira, portanto, não é apenas sobre dinheiro, mas sobre a formação de cidadãos



autônomos, responsáveis e com maior capacidade de adaptação às dinâmicas econômicas.

CONCLUSÃO

Este estudo, baseado em uma ampla análise da literatura sobre educação financeira para crianças e adolescentes, confirma a ideia de que formar pessoas financeiramente capazes é um processo complexo e que acontece ao longo da vida, começando na primeira infância. A pergunta principal que norteou esta pesquisa – Quais são as melhores estratégias pedagógicas que a família e a escola podem usar para ensinar educação financeira às crianças, buscando o desenvolvimento de bons hábitos, atitudes e conhecimentos sobre o dinheiro desde cedo? – foi respondida por meio da identificação de conceitos-chave, da análise dos papéis da família e da escola, e da avaliação dos desafios e das chances que essa jornada oferece.

Primeiramente, ficou claro que a eficácia da educação financeira depende de sua adequação às diferentes fases do desenvolvimento infantil. Para crianças pequenas (pré-escolares), o foco deve ser no desenvolvimento da função executiva, que inclui o controle de impulsos e a capacidade de esperar por uma recompensa. Isso cria a base mental para decisões financeiras mais conscientes no futuro.

Conforme as crianças crescem (infância média), a influência financeira dos pais se torna o fator mais importante. A família é o principal agente na transmissão de valores, atitudes e comportamentos sobre dinheiro. Ferramentas como a mesada, a conversa aberta sobre finanças e o exemplo de hábitos financeiros saudáveis dos pais são essenciais nessa fase. Já na adolescência, o ensino deve se aprofundar em habilidades financeiras práticas, preparando os jovens para o mundo financeiro adulto, como o uso responsável de crédito e o entendimento de investimentos.

Em segundo lugar, a pesquisa reforça que a parceria entre família e escola é fundamental para uma educação financeira completa e eficiente. A família, com sua influência constante, molda as primeiras impressões e atitudes da criança em relação ao dinheiro. A escola, por sua vez, complementa esse papel, oferecendo um ambiente estruturado para o ensino formal, introduzindo conceitos mais complexos e usando métodos pedagógicos como a aprendizagem prática. A inclusão da educação financeira na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no Brasil é um passo crucial para formalizar essa parceria, garantindo que as mensagens sejam consistentes nos dois ambientes e, assim, potencializando muito os resultados.

Por fim, a análise mostra que, apesar dos desafios existentes – como a dificuldade dos conceitos, a falta

de preparo de pais e educadores, e a resistência cultural em falar sobre dinheiro –, as oportunidades para avançar na educação financeira são muito grandes. A tecnologia, a inclusão do tema nos currículos e a crescente preocupação com o bem-estar financeiro abrem caminho para abordagens mais modernas e envolventes.

Em suma, a educação financeira é mais do que apenas aprender sobre dinheiro; ela é um investimento no futuro das pessoas. Ela forma cidadãos mais autônomos, responsáveis e resistentes, capazes de lidar bem com as complexidades econômicas e de contribuir para uma sociedade mais próspera e justa. As estratégias pedagógicas mais eficientes, portanto, são aquelas que unem o aprendizado familiar com o ensino estruturado e prático da escola. A comunicação, a responsabilidade, o bom exemplo e o uso de recursos digitais são os pilares que, juntos, capacitam as crianças a desenvolverem hábitos e conhecimentos financeiros sólidos desde cedo, construindo um caminho para um futuro financeiramente seguro e de sucesso.

REFERÊNCIAS

- AMAGIR, A. *et al.* A review of financial-literacy education programs for children and adolescents. *Citizenship, Social and Economics Education*, v. 17, n. 1, p. 56-80, 2018.
- AMMERMAN, D. A. Childhood Financial Socialization and Debt-Related Financial Well-Being in Adulthood. *Journal of Financial Counseling and Planning*, v. 30, n. 2, p. 234-247, 2019.
- BAI, R. Impact of financial literacy, mental budgeting and self control on financial wellbeing: Mediating impact of investment decision making. *PLoS One*, v. 18, n. 11, e0294466, 2023.
- BOTO-GARCÍA, David; MAYOR, Matías. Domestic tourism and the resilience of hotel demand. *Annals of Tourism Research*, v. 93, 103352, mar. 2022.
- BROWN, M. *et al.* Financial Education and the Debt Behavior of the Young. *Staff Reports*, n. 634, Federal Reserve Bank of New York, 2013.
- BRUHN, M. *et al.* The long-term impact of high school financial education: evidence from Brazil. *Working Paper Series / Banco Central do Brasil*, Brasília, n. 563, p. 1-32, jul. 2022.
- CHAVES, P. C.; PEREIRA, R. B.; CONEJO, L. D. The marshmallow test in context: how does the social environment influence decision-making and self-control? *Ciências Psicológicas*, v. 15, n. 2, p. e-2486, 2021.
- COMPEN, B.; DE WITTE, K.; SCHELFHOUT, W. The role of teacher professional development in



- financial literacy education: A systematic literature review. *Educational Research Review*, v. 26, p. 1-14, 2019.
- COMPEN, B.; SCHELFHOUT, W. Collaborative curriculum design in the context of financial literacy education. *Journal of Risk and Financial Management*, v. 14, n. 6, p. 234, 2021.
- CUNHA, M. P. O mercado financeiro chega à sala de aula: educação financeira como política pública no Brasil. *Educação & Sociedade*, v. 41, e229762, 2020.
- DESPARD, M. R. et al. Why Do Households Lack Emergency Savings? The Role of Financial Capability and Financial Shocks. *Journal of Financial Counseling and Planning*, v. 31, n. 1, p. 1-15, 2020.
- DREVER, A. I. et al. Foundations of financial well-being: insights into the role of executive function, financial socialization, and experience-based learning in childhood and youth. *The Journal of Consumer Affairs*, v. 49, n. 1, p. 13-38, Spring 2015.
- FORNERO, E.; ROSSI, M.; SANSONE, D. "Four bright coins shining at me": financial education in childhood, financial confidence in adulthood. *Netspar Discussion Paper*, n. DP 10/2016-049, out. 2016.
- FRENCH, D. et al. Financial literacy and over-indebtedness in low-income households. *Journal of Economic Psychology*, v. 56, p. 1-14, 2016.
- GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- GIORDANO, C. C. et al. Educação financeira e resolução de problemas na proposta curricular brasileira. *Areté*, v. 9, n. 18, p. 11-36, 2023.
- GOLDSMITH, K.; GRISKEVICIUS, V.; HAMILTON, R. Scarcity and Consumer Decision Making: Is Scarcity a Mindset, a Threat, a Reference Point, or a Journey. *Journal of the Association for Consumer Research*, v. 5, n. 4, p. 357-363, 2020.
- GROHMANN, A.; MENKHOFF, L.; SCHRÖDER, O. Childhood roots of financial literacy. *Journal of Economic Psychology*, v. 51, p. 114-133, 2015.
- KAISER, T. Financial Education Affects Financial Knowledge and Downstream Financial Behavior. *NBER Working Paper*, n. 27057, 2020.
- KAMBER, E. et al. Children's saving: A review and proposed ecological model. *Journal of Economic Psychology*, v. 100, 102700, 2024.
- KAMBER, E. et al. The impact of strategies on young children's saving for desired items. *Journal of Experimental Child Psychology*, v. 245, 105940, 2024.
- KIM, J.; GUTTER, M. S.; SPANGLER, T. Review of Family Financial Decision Making: Suggestions for Future Research and Implications for Financial Education. *Journal of Financial Counseling and Planning*, v. 28, n. 2, p. 253-267, 2017.
- LEBARON, A. B. et al. Teaching Children About Money: Prospective Parenting Ideas From Undergraduate Students. *Journal of Financial Counseling and Planning*, v. 29, n. 2, p. 259-271, 2018.
- LEITE, E. S. Dinheiro e crianças: a consagração moral da educação financeira no Brasil. *Sociologias*, v. 26, n. 67, p. 1-26, jan./abr. 2024.
- LINDBERG, M. Financial Stress and Subjective Wellbeing among Children. *Child Indicators Research*, v. 14, p. 1775-1794, 2021.
- NÉMETH, E. et al. Teachers' Financial Literacy. *Pénzügyi Szemle – Financial and Economic Review*, v. 67, n. 1, p. 7-32, 2022.
- NEMOS, C. L.; DURO, M. L.; FOGLIARINI FILHA, C. B. O. A educação financeira enquanto prática de autonomia financeira individual na escola básica. *Educación Matemática*, v. 33, n. 3, p. 172-201, 2021.
- NGUYEN, T. A. N. The power of financial behavior in emergency funds. *Journal of Economics, Ecology, and the Environment*, v. 5, n. 1, p. 1-15, 2023.
- PINHEIRO, Danilo dos Santos; ARANTES, F. P.; LIMA, M. V. V. Estudo avaliativo da alfabetização financeira: conhecimento como fator decisivo na atitude e comportamento de universitários. In: *Encontro dos Programas de Pós-Graduação Profissionais em Administração (EMPRAD)*, 11., 2025, São Paulo. Anais. São Paulo: EMPRAD, 2025.
- SAMPAIO, F. A. et al. Perspectivas multidisciplinares sobre alfabetização financeira: comportamento, conhecimento e atitudes. In: *Encontro dos Programas de Pós-Graduação Profissionais em Administração (EMPRAD)*, 11., 2025, São Paulo. Anais. São Paulo: EMPRAD, 2025.
- SANTOS, T. L. dos. Mulheres e a educação financeira: uma análise sobre o comportamento financeiro. *Revista Contemporânea*, v. 3, n. 1, p. 1-15, 2023.
- SHARMA, E.; TULLY, S. M.; WANG, X. Scarcity and intertemporal choice. *Journal of Personality and Social Psychology: Attitudes and Social Cognition*, 2023.



SCONTI, A.; CASERTA, M.; FERRANTE, L. Gen Z and financial education: Evidence from a randomized control trial in the South of Italy. *Journal of Behavioral and Experimental Economics*, v. 112, 102214, 2024.

TE'ENI-HARARI, T. Financial literacy among children: the role of involvement in saving money. *Young Consumers*, v. 17, n. 3, p. 287-300, 2016.

THE LIBRARY OF ECONOMICS AND LIBERTY. Scarcity. Econlib. Disponível em: <https://www.econlib.org/library/Topics/College/scarcity.html>. Acesso em: 30 out. 2025.

URBAN, C. The effects of high school personal financial education on financial behavior. *Economics of Education Review*, v. 74, 101929, 2020.

WILLEMSE, T. M.; THOMPSON, I.; VANDERLINDE, R. Family-school partnerships: a challenge for teacher education. *Journal of Education for Teaching*, v. 44, n. 3, p. 301-313, 2018.